

A Cobra e o Maracá encantam: Memórias e vivências de Suzana – Mulher Karipuna do Amapá¹

Ana Manoela Primo dos Santos Soares²

Suzana Primo dos Santos³

Resumo:

Esta pesquisa é tecida com base em diálogos entre duas mulheres do povo Karipuna do Amapá, uma que vem se dedicando a pesquisas de antropologia em diálogo com seu povo de origem e a segunda que se dedica às questões da "cultura material" dos povos indígenas no espaço do Museu Paraense Emílio Goeldi. Em meio a este contexto a primeira autora traz alguns recortes iniciais da pesquisa de mestrado que desenvolve através do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Pará (UFPA), sendo está uma reflexão construída em conjunto com as memórias de sua mãe, a segunda autora do texto, pois, uma parte fundamental da dissertação tratará sobre a trajetória de vida dela. A história de Suzana Primo dos Santos Karipuna (66 anos) está vinculada a história da aldeia Santa Izabel (aldeia Karipuna – Terra Indígena Uaçá – Oiapoque – Amapá), comunidade está fundada por seus pais no ano de 1940, assim como está vinculada ao espaço do Museu Goeldi, onde se tornou a primeira mulher indígena a ser funcionária desta instituição e em consequência disto a primeira a atuar dentro da Reserva Técnica de Etnografia Curt Nimuendajú. Suzana também é uma espécie de pajé e é considerada como tal por ser gêmea, possuindo o “dom de sonhar”. Também é uma “antiga”, e as antigas, em nosso povo, são as mulheres idosas, importantes detentoras de conhecimentos, correspondentes às narrativas; à língua; aos pequenos e grandes processos rituais; ao xamanismo; a arte; as relações com o território, com os bichos, as plantas e com os/as parentes/as. Suzana em sua trajetória, traz aspectos que explicam a

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

² Karipuna do Amapá. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Licenciada em Ciências Sociais pela UFPA. E-mail: anamanoelakaripuna@gmail.com

³ Karipuna do Amapá. Técnica no Acervo de Etnografia Curt Nimuendajú do Campus de pesquisa do Museu Paraense Emílio Goeldi. Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará. E-mail: sprimo@museu-goeldi.com

formação de territórios indígenas, questões sobre a presença indígena em museus na Amazônia brasileira, sobre o xamanismo Karipuna e sobre como a figura das mulheres mais velhas e seus conhecimentos compõem e auxiliam na preservação do território e das memórias. A metodologia para a constituição da pesquisa está pautada na oralidade; no que é concernente aos relatos biográficos e autobiográficos; e em diálogo com a antropologia.

Palavras-chave: Karipuna do Amapá; Biografias indígenas; Indígenas Mulheres.

Introdução

Somos indígenas mulheres⁴ pertencentes ao povo Karipuna do Amapá, unidas não apenas por sermos parentas⁵ de um mesmo povo originário, mas também por uma linha que nos constitui como mãe e filha. Minha mãe, como mais velha, narra as histórias de nosso povo e eu como mais nova as aprendo e as escrevo. Ela diz que mesmo antes de meu nascimento, em sua infância e juventude, ela já prestava atenção nos acontecimentos da aldeia e nas histórias que as mulheres antigas narravam para um dia as contar a mim. O termo “antiga” é a palavra, que nós Karipuna, nos utilizamos para nos referir as nossas ancestrais, à aquelas que já fizeram a passagem para um “outro mundo” e se tornaram “encanto” nas matas, rios e igarapés do Uaçá, ou seja, que já faleceram, mas também à aquelas que ainda estão presentes “neste mundo”, mulheres idosas, importantes detentoras dos conhecimentos Karipuna, principalmente aqueles conhecimentos correspondentes às narrativas; à língua; aos pequenos e grandes processos rituais; ao

⁴ Utilizo o termo “indígena mulher” ao invés de “mulher indígena”. Pois, em diálogos e convivências com minhas parentas que também são discentes na Universidade Federal do Pará, percebi em seus discursos o consenso de que a palavra indígena, deveria vir antes da palavra mulher, pois, antes de sermos mulheres, somos Karipuna, Guajajara, Tembé e tantos outros povos que estão dentro da UFPA através da presença das indígenas mulheres. Em março de 2020 estava previsto para ocorrer a I Assembleia das Indígenas Mulheres discentes da UFPA, porém, este evento foi cancelado por causa da pandemia de Covid-19. Na dissertação de mestrado da antropóloga Camille Gouveia Castelo Branco (2018, p. 13), ela diz em nota de rodapé, que opta por utilizar o termo “indígenas mulheres” por compreender que “apesar disto parecer para o/a leitor/a uma inversão da grafia o marcador de etnicidade é mais específico nas trajetórias e narrativas de mulheres pertencentes a povo originários do que seria o marcador de gênero, portanto, destacando em seu texto a etnicidade das parentas do povo com quem pesquisou”.

⁵ De acordo com Primo dos Santos Soares (2019) “Parente” é um termo que os indígenas, no Brasil, utilizam para se referir a outras pessoas também indígenas, sejam estas oriundas de seu povo ou de algum outro povo originário. Sendo o termo “parenta” o feminino de parente. Enquanto Gersem Baniwa (2006, p. 30) diz que “O termo parente não significa que todos os indígenas sejam iguais e nem semelhantes. Significa apenas que compartilham de alguns interesses comuns, como os direitos coletivos, a história de colonização e a luta pela autonomia sociocultural de seus povos diante da sociedade global”.

xamanismo; a arte; as relações com o território, com os bichos, as plantas e com os/as parentes/as.

Sempre ouço as parentas e os parentes dizerem “nossos mais velhos e mais velhas são nossas bibliotecas vivas”. A parenta Francineia Fontes, do povo Baniwa (Fontes, 2020, p. 180), escreve em artigo, em que relata suas experiências de pesquisa na pós-graduação com as parentas de seu povo, que “o mundo do indígena é uma biblioteca viva e que seus dicionários para explicação são suas avós, avôs e pai”. Marcio Meira, antropólogo e ex-presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), disse em entrevista, em abril de 2020, que “um ancião indígena que morre é uma perda para toda a humanidade” (Ribeiro, 2020). Enquanto a antropóloga Antonella Tassinari, em blog que possui sobre as memórias que tem das viagens em que esteve conosco, o povo Karipuna, em Oiapoque, diz neste que “as memórias sobrevivem a você, quando passam a ser as memórias de outras pessoas”⁶.

Com base nas palavras, que estão entre aspas no parágrafo anterior e que dizem respeito a preservação dos conhecimentos e memórias ancestrais. Busco neste texto apresentar uma pequena versão da biografia de Suzana Primo dos Santos Karipuna, além, de algumas histórias que ela mesma solicitou que viessem neste escrito. Sua trajetória é permeada pelas narrativas e pela arte de nosso povo, arte esta que é chamada pelos não indígenas que são antropólogas/os de “cultura material”. A primeira parte do título deste artigo “A Cobra” faz menção as histórias de nosso povo, que em sua grande maioria envolvem os karuãna⁷ que são Cobra Grande (Grã Kulev), mas neste caso o título faz referência especialmente a história de um karuãna que é uma Cobra Sucuriju (Kulev), que viveria no olho de Suzana, história esta que será relatada em uma das seções posteriores; já o “Maracá” faz menção aos trabalhos que Suzana realiza desde a aldeia com a criação e a conservação dos grafismos, dos colares, das cuias e do próprio maracá, algo que aprendeu com a mãe, minha avó Delfina Batista dos Santos, na aldeia, além de que esta segunda parte também faz menção ao fato de que Suzana é uma hoho, espécie de

⁶ A frase “as memórias sobrevivem a você, quando passam a ser as memórias de outras pessoas” é a frase que abre a primeira página do Blog de Antonella Tassinari “Memórias de Oiapoque”. Disponível em: <https://memoriasoiapoque.wordpress.com/> Acesso em: 09 set. de 2020.

⁷ Os karuãna são, de acordo com os parentes de meu povo e dos povos Palikur, Galibi Marworno e Galibi Kalinã: *Pessoas que vivem no Outro Mundo, onde são gente como nós, e que apenas os pajés conseguem ver e se comunicar [...] Vêm do mar, dos rios, lagos, das matas e do espaço e são espíritos de aves, cobras, peixes, árvores e estrelas. [...] Os karuãna provocam doenças e até matam ou podem ser grandes médicos, doutores, cientistas, pessoas como nós que durante o turé são convidadas pelo pajé para participar da festa, tomar muito caxixi e fumar os grandes cigarros de tawari*” (Andrade, 2009. p. 19, 51).

encantado que pode ser pajé; enquanto a terceira parte do título já anuncia que contarei sua história. “A Cobra e o Maracá encantam” é uma frase que Suzana defini como ritualística e que foi escolhida por mim (a primeira autora) como título, pois, já ouvi ela a mencionar diversas vezes ao explicar à mim e a outras pessoas sobre o turé⁸, sobre a arte de nosso povo e sobre como os bichos, os astros, as plantas e os objetos possuem uma magia que pode nos encantar e nos levar a “outros mundos”.

Suzana e os Hoho



Figura 1: Suzana Karipuna no bosque do Campus de Pesquisa do Museu Paraense Emílio Goeldi em agosto de 2018: Fonte: Arquivo pessoal. Fotógrafo: Fábio Jacob.

⁸ De acordo com o livro “O turé dos povos indígenas do Oiapoque” “O turé é uma festa que acontece durante os meses de outubro ou novembro no período da lua cheia, nele se agradece às pessoas invisíveis que vivem no Outro Mundo, chamadas karuãna, pelas curas que elas propiciaram por meio das práticas xamânicas dos pajés”. (Andrade, 2009).

Suzana Karipuna nasceu em 14 de fevereiro de 1953, na aldeia Santa Izabel, (anteriormente conhecido pelo nome de Barracão), na Terra Indígena (T.I.) Uaçá, no município de Oiapoque, norte do estado do Amapá, na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa. Filha de Manoel Primo dos Santos (o cacique Côco) e de Delfina, seus pais foram os fundadores da aldeia em que nasceu. Côco foi liderança de Santa Izabel do ano de 1940, que foi o ano em que a aldeia foi fundada, até abril de 1986, ano em que faleceu por complicações de um câncer. Ficou conhecido como um dos últimos grandes caciques da região e além de figura histórica para o povo Karipuna, foi também figura histórica para o município de Oiapoque e a nível nacional, pois, de acordo com a pesquisadora Sônia Zaghetto no livro “História de Oiapoque” (Zaghetto, 2019, p. 343 - 345) ele foi o primeiro indígena do país a ocupar um cargo político, no caso o de vereador, eleito em 30 de novembro 1969. Embora existam duas edições da Revista Veja, uma da década de 1970 e outra da década de 1980, que atribuam este título a Ângelo Cretan, uma liderança indígena do Paraná, que foi eleito em 1976⁹, oito anos depois de Côco ter sido eleito e assumido o cargo. Em homenagem ao primeiro indígena político em Oiapoque, a câmara municipal da cidade foi nomeada Palácio Manoel Primo dos Santos.

De acordo com Luiz Thomas Reis (1936), funcionário do antigo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) o cacique Côco nasceu em 1912, em uma aldeia no Karipurá (atual T.I. Uaçá), filho de uma indígena Karipuna chamada Vitória dos Santos e de um francês de origem muçulmana, vindo da Argélia, na época em que esta era colônia da França, chamado Manuel Cousin, que segundo dizem minhas ancestrais serviu na Legião Estrangeira Francesa¹⁰, mas que após vir da Guiana Francesa para o Oiapoque, passou a morar com os Karipuna e recebeu o nome indígena de Txizô, que significa pequeno osso. A história de Txizô me lembra ficção, dizem que teria sido preso ou funcionário na Ilha do Diabo (Guiana Francesa)¹¹, mas que por causa de uma deserção fugiu de lá e teria encontrado refúgio entre os Karipuna. Além de que Cousin em francês e inglês significa “Primo”, portanto, quando registrou o filho meu bisavô traduziu o seu nome para o português, ao invés de permanecer com o sobrenome original. A família paterna de Manuel Cousin é desconhecida por nós Karipuna, assim, como a maior parte de seu passado, mas sabe-se que Vitória era filha de Carolina dos Santos e José Firmino dos

⁹ Reportagem número 430 da Revista Veja, de 1 de dezembro de 1976; Revista Veja número 596 de 6 de fevereiro de 1980 (Zaghetto, 2019, p. 343).

¹⁰ A Legião Estrangeira é uma unidade de elite do exército francês, criada em 1831 por Luís Filipe I

¹¹ A Ilha do Diabo é uma ilha da Guiana Francesa que junto com a Île Royale e a Île Saint-Joseph, faz parte das chamadas Ilhas da Salvação. Até 1946 a Ilha do Diabo foi uma colônia penal francesa.

Santos Martins, ambos também Karipuna, este último outra importante liderança indígena. Enquanto Delfina era filha de uma Karipuna de nome Suzana dos Santos e de um Palikur de nome Yeopolo Batista, pertencente ao clã Wakavuyene, que é o clã do Esteio, da Formiga Preta ou Formiguinha, sendo minha avó também nascida no Karipurá, local onde conheceu meu avô, ambos sendo primos. Suzana, minha mãe, recebeu este nome em homenagem a avó materna, assim como uma irmã sua, recebeu o nome de Vitória em homenagem a avó paterna. Suzana é gêmea, nasceu junto com seu irmão, um menino de nome Vicente, crianças gêmeas no povo Karipuna são chamadas hoho.

Os hoho em nosso-sistema¹² são um tipo de karuãna baixinhos, que possuem o corpo miúdo coberto de cabelos e que andam sempre em pares e de mãos dadas, os hoho sempre estão em casal a brincar, não se separam, podendo os pares ser compostos por uma hoho fêmea e um hoho macho (que são considerados o casal mais fortes, por serem hoho de gêneros opostos), ou por duas hoho fêmeas, ou por dois hoho machos. Os gêmeos são a versão humana destes karuãna, que encantaram ou pai ou a mãe dos gêmeos, para assim poderem vir ao mundo na forma de seres humanos. Os gêmeos nas aldeias, são considerados pessoas especiais, com o dom para desenvolver a pajelança. Suzana que é hoho, desenvolveu este dom voltado para o ato de sonhar, assim como seu irmão também o desenvolveu, mas voltado para o ato de sonhar e cantar, todavia, Vicente faleceu no ano de 1995 em decorrência de um câncer de pulmão.

Todo casal de hoho sempre está acompanhado de um cachorro, que também é um karuãna, este cachorro em kheuol¹³, que é a língua de meu povo, se chama xen hoho,

¹² Tassinari (2003, p. 17) diz que o *nosso-sistema* é “um conjunto de práticas, conhecimentos e crenças que são próprias das famílias Karipuna”.

¹³ Francisca Picanço Montejo (1988), que participou da elaboração do primeiro Dicionário de *kheoul* fala de nossa língua nele “*como a língua materna dos índios Karipuna e Galibi Marworno, sendo falada também na Guiana Francesa*”, afirmando no texto que “*o kheuol é uma língua crioula*”, porém, negando que seja “*um dialeto ou uma espécie de “francês mal falado*”, pois, de acordo com esta pesquisadora, o *kheuol* se constituiu ao longo dos séculos como verdadeira língua indígena” (Montejo, 1988, p. 4, 5, 8). Já Artionka Capiberibe em sua dissertação (2001, p. 17) define o *kheuol* como um dialeto originário do francês. Enquanto Machado (2017, p. 28, 52) também em dissertação diz que o “*kheuol* falado pelos Galibi Marworno e o *kheuol* falado por nós Karipuna são a mesma língua, com pequenas diferenças fonéticas entre si, e são variações do crioulo “negro” falado na Guiana Francesa, sendo que estes dois povos o adotaram como sua língua usual”. O *kheuol* no catálogo da Exposição Europalia. Índios no Brasil (Santos, 2011/2012a), é definido por Suzana Karipuna, como “*uma mistura de francês e dialetos das famílias indígenas da região de Oiapoque*”. Enquanto Nascimento Machado e Silva (2019, p. 376) falam que o *kheoul* “*é uma língua franca da região de Oiapoque falada por nós Karipuna e pelos Galibi Marworno, enquanto os Palikur, que falam o parikwaki, a utilizam apenas como língua de contato com os povos citados e os da Guiana Francesa. Completando que o kheuol é uma língua da família dos crioulos de origem francesa e finalizando com a informação de que na região do Oiapoque o crioulo entrou em contato com outras línguas indígenas e através disto formou o atual kheuol*”. Recentemente, ao conviver com os

ele também nasce sob a forma humana, sendo o xen hoho a primeira irmã ou irmão que nasce logo após os gêmeos. Segundo Suzana, o xen hoho é uma espécie de guarda dos hoho, ela diz que estes karuãna compõem uma linhagem. Meus avós após o nascimento de meu tio e minha mãe, tiveram uma última filha, chamada Estela, e está é considerada o xen hoho de ambos. Além de que o xen hoho também pode desenvolver o dom de ser pajé. De acordo com o cacique e pajé Jakson (comunicação pessoal), da aldeia Santa Izabel, o irmão ou a irmã que é xen hoho é pajé mais forte do que os hoho.



Figura 2: Representação do hoho fêmea retirado do livro “O turé dos povos indígenas do Oiapoque” (Andrade, 2009).

Figura 3: Representação do hoho macho retirado do livro “O turé dos povos indígenas do Oiapoque” (Andrade, 2009).

Algumas pessoas já nascem com o dom de ser pajé e de ver os karuãna, mas existem outras que aprendem a ser pajé” (Andrade, 2009). Ou seja, uma pessoa se torna pajé ou por nascença ou por aprendizagem, ou até mesmo por encantamento e/ou agrado

parentes em Oiapoque, durante o mês de janeiro de 2020, recebi a recente notícia, por meio de uma parente de nome Leandra, da aldeia Santa Izabel, que o kheuol Karipuna e o kheuol Galibi já possuem gramáticas distintas.

de algum karuãna. Os que são por nascença são considerados filhas e filhos de bichos¹⁴. Os pajés podem apenas sonhar ou podem sonhar e cantar para os karuãna. Como mencionado no parágrafo anterior, Suzana é pajé que sonha. Mas segundo ela seus sonhos de pajé dependem do ambiente em que está.

Ailton Krenak diz, em “Ideias para adiar o fim do mundo” (2019, p. 51 - 53) diz que o sonho “é uma orientação para as escolhas do nosso dia-a-dia, que nele os povos indígenas buscam cantos, curas e inspiração, que somente podem ser obtidas através deles, pois, é somente através dos sonhos que estas possibilidades estão abertas”. Nele Krenak (2019, 66 - 67) também fala que o mundo dos sonhos, para nós indígenas, “não é um mundo paralelo, mas sim um mundo que possui conexão com o que estamos agora, todavia, com uma potência distinta”. Completando em seu livro seguinte, “A vida não é útil” (2020):

[...] que o sonho é uma prática que pode ser entendida como regime cultural em que, de manhã cedo, as pessoas contam os sonhos que tiveram. Não como uma atividade pública, mas de caráter íntimo [...] O que sugere também que o sonho é uma veiculação de afetos [...] Mas também de como o sonho afeta o mundo sensível (Krenak, p. 37, 38).

Enquanto Davi Kopenawa diz em “A Queda do Céu: Palavras de um xamã Yanomami” (2015, p. 37, 390) que os “[os brancos] dormem muito, mas só sonham consigo mesmo”, interpretando Bruce Albert (2015, p. 35) que “os brancos sonham com aquilo que não tem sentido, que ao invés de sonharem com os outros, sonham com o ouro”, uma crítica ao consumismo que é impulsionado pelo capitalismo.

Relacionando estes fragmentos dos escritos de Krenak (2019, 2020) e de Kopenawa (2015), com o dom de sonhar de Suzana e com o nosso-sistema, pode-se dizer que no momento em que nós Karipuna deitamos para dormir e que passamos a sonhar, estamos a estar em contato direto com o mundo dos karuãna, todavia, os pajés possuem um dom para interpretar estes sonhos, além de que os sonhos dos xamãs são mais elaborados do que os de outros parentes.

Desde a infância, me lembro de acordar de manhã e de Suzana me dizer que iria me contar e interpretar um sonho. Quando eu era criança e adolescente não gostava que ela me contasse sobre eles, pois, tinha medo de dormir e começar a ter estes mesmos

¹⁴ Bichos é um sinônimo para karuãna.

sonhos, que me pareciam tão incomuns, embora também tivesse sonhos diferentes daqueles que os brancos sonhavam. Depois de adulta compreendi a necessidade dela me relatar o que neles aconteciam, compreendi também que estes eram sonhos de pajé. Minha mãe os relatava, pois, a prática de contar os sonhos para os parentes com quem se vive é um ritual que possuímos e este também era um momento de ela compartilhar os conhecimentos que adquiria neles para mim. Uma mãe Karipuna ensina sobre os conhecimentos do povo as suas filhas e filhos e era isto que ela estava a fazer comigo, me ensinar sobre os conhecimentos que os pajés adquirem quando sonham e sobre a importância deste ato. Todavia, Suzana sempre me relata que nem tudo que sonha e que sabe, pode me revelar, pois, alguns são conhecimentos secretos e/ou perigosos.

O mundo dos karuãna não é um mundo paralelo ao mundo dos homens, nem o considero ou percebo minhas/meus parentes o considerarem um mundo complementar ao nosso, os mundos dos homens e dos karuãna são distintos, porém, estes estão em permanente diálogo e troca, e em muitos momentos se confundem. Convivemos com os karuãna, algumas pessoas com o dom da pajelança ou sobre encantamento podem enxergá-los. Os karuãna podem criar e moldar territórios, memórias e sonhos. Eles podem ser nossos parentes/as, por exemplo, como já dito, uma pessoa que é pajé de nascença é filho/filha de karuãna e/ou esta pessoa pode ser o próprio karuãna. Além de que o pajé possui muitos destes encantados e quanto mais karuãna um pajé tem mais forte ele o é. Em nossa família como já explicado minha mãe e meu tio Vicente são karuãna hoho, enquanto minha tia Estela é um karuãna xen hoho, ou seja, karuãna também podem ser pessoas, ou ter filhos com elas. Em meu caso sou descendente deles.

A Sucuriju

Quando Suzana e Vicente estavam com poucos anos de vida, um pajé, que realizava uma festa de turé, se agradou do olho de minha mãe e o elogiou na frente de minha avó Delfina, que estava com a filha no colo, dizendo “olha, o olhinho dela!”. Após, isto minha mãe passou a ter uma forte febre, dentro do próprio ritual. Por causa da febre minha avó chamou uma outra pajé, sua prima, que também estava no turé, a pajé perguntou se alguém havia olhado para ela, segurado ou admirado. Minha avó contou sobre o que o pajé tinha dito sobre o olho de Suzana, a prima de minha avó então respondeu que ele tinha tirado do olho dela a coisa mais importante que ela tinha. A pajé

estava se referindo a uma Grã-Kulev Sucuriju, que outros pajés mais antigos¹⁵, já haviam dito que Suzana tinha nos olhos. Esta Cobra era cobiçada por ser um karuãna forte, mas caso ela fosse tirada dos olhos da menina, a criança iria morrer. Minha avó, então exigiu que a Grã Kulev fosse devolvida e o pajé a devolveu no mesmo instante, ele defumou a criança, nisto a Cobra voltou ao seu olho e a febre passou. Suzana diz que a Sucuriju é uma espécie espírito (karuãna) que ela possui dentro do corpo.

Suzana diz que na época de sua infância era comum os pajés quererem os karuãna mais fortes que outros possuíam e este foi o caso de o pajé ter tirado a Sucuriju do olho dela. Também contando que um pajé não fica de costas para um outro, pois, isso deixa ele vulnerável para que seus karuãna sejam levados por este outro pajé ou que este faça alguma maldade, como uma feitiçaria, que pode ocasionar a perda total de suas forças espirituais e como consequência sua morte.

Completando também que por rivalidade um pajé pode fazer com que os bichos invadam um território onde vive um outro pajé. Por exemplo fazendo com que uma onça invada e se alimente de farinha, cachorros e galinhas da aldeia onde vive este outro pajé, também fazendo com que ela invada as roças dos moradores da aldeia. Suzana diz que onças mandadas por feitiçaria, não são onças normais, são karuãna, pois, elas podem aparecer em mais de um local ao mesmo tempo, além de possuírem as barbas queimadas. Ela lembra que isso ocorria muito na época de sua infância, recorda que as pessoas em Santa Izabel sempre relatavam casos de onças mandadas por pajés de outras etnias da região para incomodarem os Karipuna.

Oralidade e Escritos de Suzana

Em um manuscrito (não publicado) e em artigo que escreveu com a pesquisadora Claudia Lopéz Gárces (2017), Suzana fala de sua vida na aldeia e no Museu Paraense Emílio Goeldi. O conteúdo destes dois textos seguirá abaixo, com revisões e acréscimos. A inserção de ambos é de solicitação e autorização da segunda autora deste artigo.

Com López Garcés, Suzana (2017) conta que:

¹⁵ O termo pajé mais antigo significa ser um pajé mais forte. Os pajés fortes são aqueles que tem mais karuãna, que possuem o dom de cantar e de sonhar..

Seus primeiros ensinamentos e vivências foram nas aldeias de Santa Izabel, Taminã, Espírito Santo e Tipidon, todas próximas umas às outras e também nas aldeias Jonis e Bêbene no alto rio Curipi”; em uma “infância em que tomava banho de rio, pulava de cima das árvores, navegava de canoa, imitava os bichos, brincava de fazer Turé nas noites de lua cheia e durante o verão. Época em que também começou a construir e a confeccionar alguns objetos, como colares de miçanga e xirixiri, aros emplumados (corrune), cuias, maracás e outros objetos que fazem parte do mundo Karipuna. Ouvindo também histórias de bichos encantados”. Nas suas palavras, assim ela foi “crescendo e amadurecendo nos ensinamentos dentro dos padrões da aldeia, trabalhando na roça e fazendo beiju (arapaça e galete), participando dos maiuhi¹⁶, da pajelança e do preparo do ritual do Turé, acompanhando sua mãe, minha avó, nessas tarefas”.

Neste mesmo texto Suzana também define o que é a cultura material para ela, que é com o que atualmente trabalha no Museu Paraense Emílio Goeldi algo que será apresentado na seção seguinte. Em sua perspectiva ela diz que a “cultura material”:

Revela a origem, localização, linguagem, costumes e organização social de um povo indígena; é algo que transforma as madeiras, penas, argilas, cipós em objetos de arte.

Além de que sempre que fala ou escreve sobre este assunto, ela evoca o grafismo do kuaquí, que é utilizado pelos quatro povos que vivem na região de Oiapoque (Karipuna, Palikur, Galibi Marworno e Galibi Kalinã) e que representa um peixe. A marca do kuaquí, segundo ela é existente “*nos bancos e mastros do Turé, nas marcas de cuias, na pintura corporal e nos maracás, estes últimos rodeados de misticismo e de encantos*” (LOPÉZ, GÁRCES, 2017). Suzana fala que ele é:

Um traçado sequencial em linhas losangulares, usado em cestarias, bancos, colares, maracás e corpos em eventos rituais. O kuaquí é um ser sobrenatural em formato de peixe, que antigamente dominava rios, lagos e igarapés da região de Oiapoque. As técnicas de aprendizagem das marcas ou grafismo é dado pelas trocas entre o mundo físico e o mundo espiritual intermediado pela figura do pajé. O xamã que consegue se comunicar com o outro mundo faz

¹⁶ Mutirão, auxílio prestado.

longas viagens durante os sonhos, onde as técnicas de aprendizagem do padrão kuahí são repassadas pelos karuãna.

Escrevendo Suzana em manuscrito que a cuia:

É o objeto que possui a maior concentração de padrões e desenhos como por exemplo a casca do jabuti (kaêtoxti), escamas de pirarucu (kaitêtxuhí), escama de tamuatá (kaiêatipá), caminho do caracol (chemien koclich) e o próprio kuahí.

As cuias, segundo ela:

possuem múltiplas utilidades, que passam pelas atividades domésticas e rituais, servem para tomar água e chibé (mistura de água com farinha), matete (mingau) e o caxiri (bebida feita a base de mandioca) consumida durante o turé.



Figura 4: Suzana Primo dos Santos Karipuna, em sua casa em Belém-Pará, mostrando uma cuia Karipuna. Foto: Ana Manoela Primo dos Santos Soares Karipuna. Setembro de 2020.

Conta que sua mãe Delfina fazia muitas cuias na aldeia e que este foi um de seus primeiros contatos com a “cultura material” de nosso povo:

“Eu comecei cedo, na aldeia o trabalho da criança é relacionado com a mãe, através da cozinha, as pequenas coisas que vai fazendo, como indo para roça também... você tem um paneirinho de acordo com seu tamanho, onde você vai carregando a mandioca, a farinha, aprendendo as coisas, isso é uma forma de diversão... a criança está se preparando para trabalhar dentro da própria comunidade... e no meu caso foi assim, com a cuia foi assim, com seis, sete anos, a mamãe pegava os frutos da cuia verde, partia, eu ajudava a tirar aquela massa de dentro da cuia para poder fazer... aí ela dizia “tu vais começar a fazer os desenhos, desenho da cobra, o kuahí” aí foi assim... ela começava a fazer e eu aproveitava enquanto a cuia tá bem verde naquele momento e começava a fazer os desenhos através de incisões na própria cuia e ela pintava todinha... esse foi o meu primeiro contato com a “cultural material”, fui entendendo, eu não sabia o que era “cultura”, mas eu tava entendendo o que os antigos faziam antes, a mãe tenta preparar os filhos para a própria comunidade” (Suzana em Belém em 06 de setembro de 2020).

Suzana e o Museu Paraense Emílio Goeldi

Ricardo Zorzetto, jornalista da Revista Fapesp, no ano de 2018 fez uma reportagem sobre o Museu Paraense Emílio, entre as pessoas que entrevistou para compor seu texto estava Suzana, e ele iniciou este escrito sobre o maior e mais antigo museu de etnografia e história natural da Amazônia a mencionando:

Todas as manhãs Suzana Primo dos Santos percorre as estantes da sala que acomoda quase 15 mil objetos de 120 povos indígenas da Amazônia para verificar se está tudo em ordem. Olha demoradamente as peças e, em silêncio, deseja-lhes um bom dia. É sua forma de prestar homenagem e respeito aos grupos, alguns já desaparecidos, representados por máscaras, adornos de cabeça, chocalhos, cestos, arcos, flechas e bordunas no acervo etnográfico do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), a mais antiga instituição científica da região Norte do país, criada em 1866 em Belém, no Pará. “É como me comunico com o visível e o invisível”, afirma. Nascida em uma aldeia karipuna no município de Oiapoque, na fronteira do Amapá com a Guiana Francesa, Suzana viveu com seu povo até os 17 anos e aprendeu com a mãe a fazer

grafismos em cuias usadas para produção e consumo de alimentos e bebidas. Mudou-se para Belém nos anos 1970 para completar o segundo grau (atual ensino médio) e, mais tarde, cursou sociologia. Conheceu a coleção de artefatos indígenas e de outros povos da Amazônia em 1987, em um estágio na graduação, e não foi mais embora. Em uma visita ao acervo na manhã de 20 de setembro, Suzana abria com delicadeza as gavetas e apresentava cada peça, lembrando o povo que a produziu e a região de origem. Acondicionadas sobre espuma inerte que as protege da deterioração, estão organizadas por material de fabricação e uso. Cestos e outros utensílios de palha em uma seção, adornos de pluma na seguinte e arcos, flechas e outras armas mais adiante. “Cada peça é frágil como uma criança”, contou Suzana, que contribuiu com chocalhos, cuias e colares de seu povo para a coleção (Zorzetto, 2018, p.75).

A primeira Coleção Karipuna, para a Reserva Técnica Curt Nimuendajú do Museu Paraense Emílio Goeldi, foi formada pelo antropólogo e amigo de Suzana, Expedito Arnaud, que por longos pesquisou com os povos indígenas de Oiapoque (Arnaud 1970, 1989). Sobre esta coleção Suzana conta que ao chegar no Goeldi pela primeira vez, no ano de 1986, ainda como estagiária, sua função foi a de estudar aquelas peças trazidas pelo amigo. Minha mãe lembra o quanto ficou admirada por encontrar objetos de nosso povo em seu novo espaço de estudo, que mais tarde se tornou seu local de trabalho. Pouco tempo depois, ainda naquele ano, Suzana doou à instituição alguns objetos que tinha trazido de Santa Izabel e que haviam sido feitos por sua mãe Delfina e por sua madrastra Dona Xandoca, entre as peças doadas por ela estavam cuias, colares e maracás, esta portanto, se tornou a segunda coleção Karipuna do acervo de etnografia. Porém, a primeira da instituição, a ser doada por uma indígena. No Museu Goeldi, as coleções de etnografia levam os nomes dos pesquisadores que as formaram e a doaram para o acervo, logo, está se tornou a primeira coleção com o nome de uma indígena.



Figura 5: Imagem de Suzana com o Maracá que doou para o Museu Paraense Emílio Goeldi. A imagem é acompanhada de um poema escrito por José Maria Leal Paes sobre Côco, o pai de Suzana. Imagem e textos foram publicados no jornal O liberal em 28 de abril de 2010 no estado do Pará (Leal Paes, 1986; Santos, 2010).

Em artigo já publicado e em que menciono Suzana (Primo dos Santos Soares, 2020), relato que ela, após sair da aldeia, primeiro foi morar na cidade de Oiapoque e logo após na cidade de Macapá, capital do estado do Amapá (na época ainda Território do Amapá), residindo em ambas as cidades para estudar. Quem custeou seus estudos, foi o pai, Côco, que desejava que as filhas e filhos, concluíssem a escola e fizessem universidade. Para realizar o ensino médio, foi ele quem a enviou para Belém (PA), anteriormente suas irmãs Izabel e Vitória, que eram mais velhas que ela, também já tinham sido enviadas para o Pará com a finalidade de concluírem os estudos.

Em Belém, fez o ensino médio no extinto Colégio Rui Barbosa. Prestando vestibular para o curso de ciências sociais da Universidade Federal do Pará (UFPA), o qual foi aprovada entre os anos de 1982 e 1983 (não há um consenso sobre o ano exato), concluindo o mesmo no ano de 1991. Sua graduação, foi prolongada por inúmeros fatores, sendo o principal o de que Suzana tinha de trabalhar em período integral ao mesmo tempo em que estudava durante o turno da noite.

Durante o tempo em que cursou o segundo grau e que posteriormente foi estudante na UFPA, trabalhou como funcionária na loja da Fundação Nacional do Índio (Funai), “ARTINDIA”, onde adquiriu conhecimentos sobre seres, objetos e adornos de outros povos indígenas que não os de Oiapoque (Karipuna, Palikur, Galibi Marworno e Galibi Kalinã). A obtenção deste emprego também foi intermediada por Côco para que a filha tivesse como se sustentar, enquanto estivesse estudando.

Após, alguns anos no curso de ciências sociais era necessário que Suzana realizasse um estágio, pois, esta era uma das atividades obrigatórias do curso, durante o tempo em que passou na Funai, conheceu muitos pesquisadores do Museu Goeldi e foi através destes que conseguiu o estágio na instituição.

Suzana, foi a segunda pessoa do povo Karipuna a ingressar e concluir o ensino superior, sendo a primeira, sua irmã Vitória, que se graduou em odontologia também pela UFPA. Foi a primeira indígena estudante do Museu Paraense Emílio Goeldi e se tornou a primeira indígena funcionária dele, no cargo de Técnica de Etnografia, no ano de 1991, quando solicitou a sua transferência da Funai, para esta nova instituição. Suzana, além de ser a primeira indígena nele, é também, provavelmente, a primeira indígena a atuar em reserva técnica de etnografia no país.

Sobre sua experiência no Museu Suzana fala:

A Reserva Técnica do Museu Goeldi, na minha forma de observar e de pensar, representa um verdadeiro Turé, pois existem normas idênticas às do ritual, a exemplo de como manusear um objeto, como transitar dentro deste espaço, como lidar com as categorias de cada objeto. Os objetos representam a memória e a identidade de um povo. A história pode ser contada através de um arco, de uma flecha ou de um zunidor, em um universo de significações, de simbologias e de sobrevivência. O que posso dizer é que o homem é resultado de um meio cultural e de um longo processo acumulativo [...] Por isso os trabalhos no Museu Goeldi, através de oficinas e diálogo com diversos povos indígenas, tem uma grande importância, pois há uma troca de conhecimentos em que o indígena busca rever coisas do passado e também colabora com seus conhecimentos para fortalecer a documentação desses objetos. Com isso a mediação museal é de grande importância para com estes povos, pois é uma forma de valorizar o saber indígena

Para Suzana os objetos não são simples objetos, são seres, artefatos mágicos e povos. Suzana fala que estar na reserva técnica com milhares de peças de vários povos parentes

é para ela como estar em um grande território indígena ou em uma grande aldeia, tratar com uma peça dos Canela é como estar com este povo, tratar com uma dos Munduruku é como estar com eles. Suzana cuida das peças como uma mãe que cuida dos filhos, ela afirma que estar neste espaço com tantos povos indígenas a fortalece.

Os parentes que vão ao Goeldi visitar e estudar sobre as peças de seus povos sentem conforto ao saber que lá a uma indígena que cuidará da “cultura material” de seu povo, com um cuidado e uma visão que é diferente daquela que os não indígenas possuem.



Figura 6: Suzana no evento Museu de Portas Abertas no Campus de Pesquisa do Museu Paraense Emílio Goeldi. Foto: Daniele Peixoto. 2018.

Considerações Finais

Este texto cruzou a voz de duas mulheres distintas, mas que são de um único povo, que como mencionado na introdução, são ligadas pela relação de serem mãe e filha. Em alguns momentos se ler de acordo com a voz de Manoela e em outros de acordo com a voz de Suzana, que tem suas memórias, oralidades e acontecimentos registrados no texto. A vida dela se intercrusa com a visão de Manoela, com as histórias dos ancestrais e com as cosmologias do povo Karipuna. Também são trazidos recortes de textos que Suzana já escreveu e publicou em outros momentos e fotografias realizadas por sua filha

e por pessoas com quem Suzana compartilha seu cotidiano no Museu Paraense Emílio Goeldi.

Este trabalho é a continuação de um projeto que Manoela iniciou há cerca de seis anos atrás, que é o de registrar as memórias e conhecimentos de Suzana, em artigos, imagens, desenhos, vídeos e gravações de áudio. Em dezembro de 2018, Manoela teve a oportunidade de apresentar a trajetória de Suzana no Goeldi, em formato de poster, no Grupo de Trabalho (GT) “Memórias indígenas e experiências de construções biográficas” na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA). Todavia, nesta nova edição da RBA, agora no GT “Construções biográficas como narrativas do protagonismo indígena”, Manoela novamente traz a trajetória de sua mãe, porém, agora no formato de artigo. Com esta nova oportunidade, ampliou-se a discussão, para a trajetória de Suzana de maneira mais geral e não apenas com sua atuação em uma única instituição, portanto, ampliando-se a perspectiva sobre quem ela é.

O que se pretende com este escrito é que ele seja uma minuta, assim como foi seu trabalho anterior, de uma futura coletânea de textos ou biografia sobre a vida desta indígena mulher. Manoela possui a intenção de ir construindo a partir do que já registrou, assim como a partir de conversas, convivências e afetos trocados com a mãe, a trajetória desta mulher através de uma memória escrita. A fim de preservar para as futuras gerações dos Karipuna, quem foi esta antiga e a importância de sua trajetória para a história de Santa Izabel e do povo como um todo.

Referências:

ANDRADE, Ugo Maia (Org.). Turé dos povos indígenas do Oiapoque. Rio de Janeiro / São Paulo: Museu do Índio / Fundação Nacional do Índio / IEPÉ. 2009.

ARNAUD, Expedito. O índio e a expansão nacional. Belém: CEJUP, 1989.

ARNAUD, Expedito. O xamanismo entre os índios da região Uaçá (Oiapoque – Território do Amapá). Belém: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia, 1970. p. 1-26. Disponível em: <http://repositorio.museu-goeldi.br/bitstream/mgoeldi/944/1/B%20MPEG%20Ant%20n44%201970%20ARNAUD%20ri.PDF> Acesso em: 22/10/2020.

BANIWA, Gersem. O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje / Gersem dos Santos Luciano – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

CAPIBERIBE, Artionka Manuela Góes. Os Palikur e o Cristianismo. Orientador: Robin Michel Wright. Coorientadora: Lux Boelitz Vidal. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas 2001.

DICIONÁRIO KHEUOL X PORTUGUÊS PORTUGUÊS X KHEUOL. NO DJISONE KHEUOL – PORTXIGE. O NOSSO DICIONÁRIO PORTUGUÊS – KHEUOL. Povos Karipuna e Galibi Marworno. Organização de Francisca Picanço Montejo. Edições Mensageiro. 1988.

FONTES. Francineia Bitencourt. Minha escrivivência, experiências vividas e diálogo com as mulheres indígenas do Rio Negro – Amazonas/Brasil. Cadernos de campo (São Paulo, online) | vol.29, n.1 |p. 179-186 | USP 2020.

GOUVEIA CASTELO BRANCO BARATA, Camille. Mulheres da montanha: corporeidade, dor e resistência entre indígenas. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Pará. Belém. 2018.

KRENAK, Ailton. A vida não é útil. Ailton Krenak; pesquisa e organização Rita Carelli. – 1º ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. 1º ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KOPENAWA, Davi; ALBERT. A queda do céu: Palavras de um xamã Yanomami; tradução Beatriz Perrone – Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro – 1º ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LÓPEZ GARCÉS, Claudia Leonor; SANTOS, Suzana Primo dos. Passado e presente dos povos indígenas no Museu Goeldi: conhecimentos indígenas e documentação do acervo etnográfico. Evento: O entrelaçamento entre humanos e coisas: Participação e transformações”. Bonn. Alemanha. 2017. *Manuscrito inédito*.

MACHADO NASCIMENTO, Bruno Rafael; SILVA, Giovani José da. Sobre vivências negociadas: Indígenas e Jesuítas franceses no Oiapoque setecentista. Goiânia, v. 17, n.2, p. 357-378, jul./dez. 2019.

MACHADO, Tadeu Lopes. Na cidade vendo a farinha e de lá trago mercadoria e dinheiro para a aldeia: redes de sociabilidades e intercâmbio de bens dos indígenas Palikur na Cidade de Oiapoque - AP / Tadeu Lopes Machado. - 2017. Orientadora: Claudia Leonor López Garcés Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Belém, 2017. *Inédito*.

PAES, José Maria Leal. Do Karipurá ao Curipi: a viagem do mestre Côco ao último turé. 1986.

PRIMO DOS SANTOS SOARES, Ana Manoela, Sangue menstrual na sociedade Karipuna do Amapá. Amazônica - Revista de Antropologia. volume 11 (2). 2019.

PRIMO DOS SANTOS SOARES, Ana Manoela. Ser mulher Karipuna e outras subjetividades em contexto de deslocamento entre a aldeia em Oiapoque e o espaço urbano belenense. Equatorial, Natal, v. 7, n. 12, jan/jun 2020.

PRIMO DOS SANTOS SOARES, Ana Manoela. Suzana Karipuna: A primeira mulher indígena no Museu Paraense Emílio Goeldi. 31º Reunião Brasileira de Antropologia. Grupo de Trabalho 43: Memórias Indígenas e experiências de construções biográficas. Orientação: Claudia Leonor López Garcés. Universidade de Brasília. Brasília. 2018.

REIS, Luiz Thomas. DIÁRIO DE SERVIÇO DE INSPEÇÃO DA 2º TURMA DO VALE DO RIO UACÁ -1936. Serviço de Proteção ao Índio. Ministério da Guerra. Inspetoria Especial de Fronteiras. 1936.

RIBEIRO, Fernanda Maria. Coronavírus: “Um ancião indígena que morre é uma perda para toda a humanidade”. Amazônia real. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/coronavirus-um-anciao-indigena-que-morre-e-uma-perda-para-toda-a-humanidade-diz-marcio-meira/> Acesso em: 13 abr. de 2020.

SANTOS, Antônio Maria de Souza. Curiosidades da biodiversidade amazônica: Cacique Coco. Jornal O Liberal, Belém, 28 abr. 2010. Encarte Amazônia 3, p. 384. p. 31 – 33.

SANTOS, Suzana Primo dos. Calebasse “cuia” Karipuna. In: Índios no Brasil. França. Europalia. *Catálogo de exposição*. 2011/2012a.

Santos, Suzana Primo dos; LÓPEZ GARCÉS, Claudia Leonor. A Coleção Etnográfica do Museu Goeldi e os Povos Indígenas: Desafios Contemporâneos. In: Direitos indígenas no Museu: novos procedimentos para uma nova política: a gestão de acervos em discussão / Marília Xavier Cury, organizadora. – São Paulo: Secretaria da Cultura: ACAM Portinari; Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2016.

SANTOS, Suzana Primo dos. Maracá Karipuna. In: Índios no Brasil. França. Europalia. *Catálogo de exposição*. 2011/2012b.

SANTOS, Suzana Primo dos. O pradrão kwahi e a cuia. Manuscrito pessoal.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. No bom da festa. O processo de construção cultural das famílias Karipuna do Amapá. São Paulo: Edusp, 2003.

VIDAL, Lux. SILVA, Aracy Lopes da. O sistema de objetos nas sociedades indígenas: arte e cultura material. In: A temática indígena nas escolas: Novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Org.: Aracy Lopes da Silva e Luís Donisete Benzi Grupione — Brasília, MEC/MARI/UNESCO, 1995.

ZAGHETTO, Sonia. História de Oiapoque: com o arquivo e as memórias de Rocque Pennafort. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2019.

ZORZETTO, Ricardo. O irmão do norte. In: Edição Especial: Museus em crise. Revista Pesquisa FAPESP. São Paulo. Ano 19. nº272. Outubro de 2018.